

# Pro-Ject RPM 9.2 Evolution e Ortofon MC Rondo Bronze

A interessante actualidade do anacronismo.



O gira-discos é uma fonte sonora exigente, reclama cuidados contínuos, quase rituais, especialmente em termos de limpeza. São os discos e a célula de leitura que mais reivindicam estas tarefas, sem esquecer a montagem inicial da célula, do próprio aparelho e do respectivo braço. Mais, se não se tiver a mínima apetência para estas operações, que são morosas e minuciosas, a montagem do braço e da célula podem requerer um técnico especializado.

No entanto, apesar de todas estas exigências e contratempos, este formato, que nunca sucumbiu completamente à era

digital, está a ganhar um fôlego inusitado nos últimos tempos. É, no mínimo, curioso observar o interesse genuíno por parte de

uma geração que praticamente nasceu com a leitura digital e está subjugada à inundação do MP3. Ainda há muito pouco

tempo um amigo perguntou-me porque é que gostava de ouvir gira-discos. Percebi na sua interrogação um pequeno rasto de anacronismo, como se lhe fosse difícil entender este meu gosto, mas sem qualquer réstia de crítica ou reprovação. Esta curiosidade simples e pura deixou-me um pouco sem jeito e acabei por responder, muito honestamente, o que acho deste formato, que, apesar de todos os inconvenientes das suas características, gosto da sua espontaneidade, presença e musicalidade; ou seja, no plano musical, a interessante actualidade do anacronismo.

#### Descrição técnica

O RPM 9.2 Evolution é uma máquina simples, bonita e eficaz. A sua construção respira solidez e precisão. O contraste entre o acabamento lacado da base e o branco baço do acrílico do prato também concorre para o ar elegante deste gira-discos.

A base sólida de fibra com densidade média assenta em três pés de dimensões generosas que se fixam por enroscamento, de modo a facilitar um correcto nivelamento, e dispõem de uma mola interior para amortecimento de vibrações. O eixo de rotação, em aço inoxidável, que me pareceu ter uma boa precisão, termina numa esfera, para minimizar o efeito de atrito. O prato de acrílico, com 3,5 kg de peso, é construído por camadas, para otimizar o efeito indesejável das ressonâncias.

O motor, externo, apresenta o mesmo elegante acabamento lacado da base e encaixa numa base bastante pesada, para garantir um posicionamento firme. No topo, duas polias com diâmetros diferentes permitem a alteração de velocidade do prato: 33 e 45 rpm, respectivamente; a mudança da correia é manual e existe um pequeno acessório dedicado a esta operação para evitar o contacto com as mãos. Para garantir que os discos mantêm um posicionamento correcto, o gira-discos dispõe de um pequeno bloco cilíndrico, com um peso considerável, que se coloca por cima do disco e actua apenas por gravidade.

O conjunto deste gira-discos contempla o sofisticado braço Pro-Ject 9cc Evolution. O perfil direito e cónico deste braço em fibra de carbono é uma boa peça de engenharia, desenvolvida de modo a otimizar o seguimento dos sulcos do disco, evitando as reflexões de ondas estacionárias e canalizando as ressonâncias para a base de



apoio; o tubo e a cabeça do braço são construídos numa única peça. O contrapeso em sorbotano também auxilia na eliminação das ressonâncias, enquanto o seu eixo rebaixado, ao nível do disco, permite uma melhoria da leitura, garantindo menor esforço ao *cantilever* da célula. As ligações internas são feitas através de fios flexíveis de cobre de elevada pureza e terminam em duas fichas RCA, de boa qualidade, na parte de trás do gira-discos, permitindo a utilização de um cabo personalizado na ligação com o pré-amplificador. O braço 9cc apresenta uma enorme versatilidade e permite realizar todos os ajustes necessários, como o ajuste do VTA (Vertical Tracking Angle) e do azimute. A sua massa efectiva é de 8 g.

As dimensões do gira-discos, contando já com o motor externo, são: 440×180×325 mm (l×a×p); e pesa: 12,5 kg.

#### Crítica auditiva

Para além do gira-discos e do braço recebi, igualmente, para teste a célula Ortofon MC Rondo Bronze, e é sobre este conjunto, por atacado, que recai a presente análise.

Idealmente, para uma crítica mais concisa, seria preciso conhecer cada um dos elementos em separado. Montar a célula no meu sistema, depois trocar o braço do meu gira-discos e, por último, a análise global, ou seja, no mínimo, três testes, porque haveria mais configurações a considerar. Claro que não houve tempo para todas estas abordagens, pelo que me limitei a instalar a Rondo e avancei para o teste; o gira-discos já vinha com o braço montado, e ainda bem.

As coisas não começaram logo bem e, em parte, por minha culpa, que não ajustei o peso de leitura convenientemente. Habitado aos 1,9 g da minha célula, ajustei para este valor, mas a Ortofon requer um valor mais elevado, de 2,3 g. Depois ainda passei pela fase do ajuste de impedância e testei os 825, 100 e 30 Ohm. No primeiro valor, que sai fora da gama recomendada, de 10 a 200 Ohm, não gostei, e entre os 100 e os 30 Ohm acabei por gostar mais dos resultados obtidos com o último valor. Aliás, em vez da resposta que dei ao meu amigo teria sido preferível que ele tivesse ouvido a frescura sonora e o bom sentido rítmico

## TESTE Pro-Ject RPM 9.2 Evolution e Ortofon MC Rondo Bronze



do inesquecível *Superstition*, de Steve Wonder, que deu provas do bom nível qualitativo que este conjunto tem para oferecer. As batidas enérgicas da bateria de Phil Collins em *I Don't Care Anymore* foram quase suficientes para saber que a configuração com os 30 Ohm era a que mais me agradava, graças a uma sonoridade mais solta e arejada e a um palco sonoro com mais corpo e consistência. Também a gama média beneficiou em musicalidade, que não é o ponto forte deste conjunto, talvez pelo carácter aberto e enérgico da célula, com uma textura mais rica e maior presença.

Por falar em bateria, outra audição de bom calibre, e que se adaptou bem às características sonoras deste conjunto, foi o disco *Warning*, de Billy Cobham. O sentido rítmico, a velocidade de ataque, a definição global da música e o peso do grave foram aspectos que se evidenciaram e que me agradaram sobremaneira; fiquei com a sensação de que o grave conseguia ir um pouco mais fundo que aquele que experimento normalmente no meu sistema.

Em termos de detalhe também oferece um bom nível informativo. Com a audição de *A Song for All Seasons*, dos Renaissance, a en-

trada foi um pouco mais tímida e o palco sonoro um pouco mais comedido, tendo-lhe faltado um pouco de profundidade em comparação com o meu sistema. A voz lindíssima de Annie Haslam foi bem projectada e reproduzida com boa presença. Dos Dead Can Dance, em *Saltarello*, do álbum *Aion*, o bombo foi reproduzido com boa definição e peso, mas não tão retumbante e expansivo. Gostei igualmente da presença das vozes, do timbre quente da guitarra e da atmosfera envolvente. Por outro lado, não gostei muito de ouvir a música *Urgent*, dos Foreigner, em parte devido à voz do cantor ser demasiado seca e pouco encorpada. Mas gostei imenso da audição do álbum homónimo dos Cars, especialmente a música *I'm in Touch with Your World*, com a sua sonoridade estranha e ritmo entrecortado, cheia de sons dispersos que foram apresentados de uma forma nítida e precisa.

Precisão pode ser a palavra que melhor define a colocação das guitarras da música *Mediterranean Sundance*, do álbum *Friday*

*Night in San Francisco*. Aliás, foi tudo muito bem conseguido nesta audição. A velocidade de execução muito realista, o dedilhar preciso, a segurança, a alegria das guitarras, com um ligeiro brilho nos agudos, as variações dinâmicas muito vívidas e até a sensação de presença do público fizeram desta audição um momento fantástico, mesmo considerando que existe uma ligeira magreza na gama média, que acaba por favorecer a leitura musical.

O elevado nível energético e a excelente gravação de *Caesar*, de James Newton Howard & Friends (Sheffield Lab), foi muito bem transmitido. A segurança e extensão do grave acentuaram a sonoridade fluida e arejada de uma música que gravitou num palco sonoro de boas dimensões. O vigor do ataque das tarolas em *L'Daddy* também me deixou bem impressionado.

Já tinha havido momentos em que o palco sonoro me tinha parecido mais reduzido,

especialmente em profundidade, mas com a reprodução de música clássica esta sensação nunca se manifestou e parece-me existir sempre uma proporcionalidade muito correcta. A Sinfonia n.º 9, de Beethoven (Deutsche Grammophon) foi um bom exemplo do que acabo de referir. A força e a segurança dos crescendos, com a sua enorme energia, deixaram-me bem impressionado. As vozes solistas e do coro foram reproduzidas com bom nível de detalhe e presença, mas ficaram sempre num plano horizontal mais baixo, pouco sobranceiro ao da orquestra. A parte final da obra, pela vivacidade e vigor, foi de cortar o fôlego.

A excelente qualidade da gravação da *Sinfonia Fantástica*, de Berlioz (Mobile Fidelity), foi bem evidente. O ronronar dos contrabaixos, quase em surdina, com a alegria irrequieta dos violinos foram momentos muito agradáveis nesta audição. Também a interessante mistura da melodia com a impetuosidade vigorosa existente na Sinfonia n.º 8 de Schubert foi bem captada e reproduzida. Acho que esta célula convence mais pela energia, velocidade e detalhe do que pela doce melodia, embora nesta obra tenha conseguido recriar uma envolvimento musical muito agradável.

Este conjunto parece-me bem conseguido por todos os aspectos que referi, e não me apercebi de qualquer problema de seguimento na leitura dos sulcos. A solidez do palco sonoro, a boa separação



estereofónica e a segurança do grave são aspectos que conferem um elevado nível qualitativo a esta solução da Pro-Ject. Também a MC Rondo Bronze da Ortofon me parece uma boa solução que acaba por vincar as características do conjunto. Os agudos são limpos e agradáveis, a gama média não é tão encorpada como gostaria e o grave tem um peso considerável. Consegue oferecer uma sonoridade aberta

e fluida, com bom nível de detalhe e uma musicalidade aceitável.

Acabei por realizar o teste com o cabo original de interconexão, porque não dispunha de nenhum com comprimento suficiente sem ter que mudar o meu sistema de lugar, mas também me pareceu que este cabo é uma solução muito razoável.



Este conjunto está longe de entrar no campo dos preços estratosféricos, mas também já se afasta dos valores mais acessíveis, o que acaba por ser perfeitamente razoável e compreensível em face do bom nível qualitativo que oferece. Aliás, pelo preço não deve haver muitas soluções disponíveis no mercado. Ou seja, por tudo isto, acho que merece uma forte recomendação.

Já agora, trate de ir buscar os velhos discos de vinilo ao sótão, porque o analógico continua a soar muito bem e, pelos vistos, continua em boas mãos. Com este conjunto as boas audições estão garantidas.

**Preço gira-discos + braço:** 1.598,00 €

**Preço Célula Ortofon:** 690,00 €

**Representante:** Supportview

**Telefone:** 21 868 61 01/2

**Web:** [www.supportview.pt](http://www.supportview.pt)